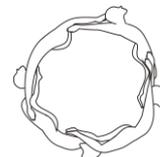




### III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013  
Universidade do Estado da Bahia – Campus I  
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

## BATENDO UM “PAPO SÉRIO”: DESCONSTRUINDO GÊNERO E SEXO NAS ESCOLAS DE SANTA CATARINA

Autor/a<sup>1</sup>

Arianna Sala

Co-autor/a ou Orientador/a<sup>2</sup>

Miriam Pillar Grossi

### RESUMO

Nesse artigo nos propomos apresentar as ações desenvolvidas pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores do Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades (NIGS<sup>3</sup>-UFSC) no marco do projeto “Projeto Papo Sério”, apoiado pelo PROEXTENSAO UFSC. O “Projeto Papo Sério” tem como público alvo estudantes de ensino básico que frequentam a rede de ensino publicoda Grande Florianópolis e articula dois tipos de ações diretamente dirigidas aos e às estudantes: as oficinas “Papo Sério” e o “Concurso de cartazes sobre lesbo-homo-transfobia e heterossexismo nas escolas”. Consideramos que ambas as intervenções podem contribuir à criação de um ambiente escolar mais inclusivo, na medida em que tratam de visibilizar para posteriormente desconstruir os discursos que produzem hierarquizações entre pessoas e grupos sociais, as oposições binárias (homem-mulher; hetero-homossexual...) que são o substrato ideológico da violência heterossexista, assim como da violência contra as mulheres.

### PALAVRAS CHAVE:

Gênero, Educação, Combate ao heterossexismo

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia, bolsista de pós-doutorado em Antropologia Social (PNPD/PPGAS/UFSC) Pesquisadora do Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades (NIGS). arianna.sala3@gmail.com

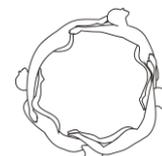
<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social. Professora Associada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do NIGS/UFSC. miriamgrossi@gmail.com

<sup>3</sup> O Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividade é um grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), à linha de gênero do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (DICH) e ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



### III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013  
Universidade do Estado da Bahia – Campus I  
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Como vários autores e autoras afirmam (LOURO, 2010, 2008, 2001, BOURDIEU, 2007, JUNQUEIRA, 2009, FURLANI, 2007, MISKOLCI, 2012) a escola não apenas transmite ou constrói o conhecimento acadêmico, se não que se configura como um espaço disciplinador e normalizador no que os padrões sociais são reforçados e perpetuados na legitimação de relações de poder e hierarquias ( JUNQUEIRA, 2009). Esse afã normalizador se faz evidente na organização do currículo que ainda transmite um discurso hegemônico que remete à norma branca, masculina, heterossexual e crista. A partir desse grupo dominante, detentor do poder simbólico vai se construindo por comparação, negação e subordinação “o diverso”, qualquer sujeito que não encaixe com o padrão hegemônico. Acharmos particularmente indicativo, desse processo disciplinador, a invisibilização das sexualidades não heteronormativas nos livros didáticos brasileiros distribuídos para as escolas públicas. Como afirmam LIONÇO e DINIZ (2008),

“Nos livros didáticos, o caráter heteronormativo das relações sociais está presente nos padrões de representação de gênero e de organizações familiares, nos discursos sobre afetos e também na ausência do tema da diversidade sexual. A heteronormatividade impõe um silêncio sobre essa temática: não há gays nas obras literárias, não há relações homossexuais nos textos de orientação sexual e, muito precocemente, as crianças aprendem a indexar o universo social pela dicotomia de gênero. (...) O silêncio é a estratégia discursiva dominante, tornando nebulosa a fronteira entre heteronormatividade e homofobia”<sup>4</sup>.

Essa estratégia do silêncio configura-se como uma forma de domínio e de repressão sexual, em tanto que estabelece o que é dizível e o que tem que ficar relegado no reino do indizível, sendo a mesma existência duma sexualidade não heteronormativa negada pela falta de representações discursivas. É a través desse silenciamento que lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgender, famílias não heterossexuais, são simplesmente excluídos do espaço público, do currículo, dos livros didáticos e das reflexões sobre direitos humanos (JUNQUEIRA, 2009). Nesse

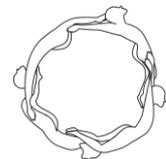
<sup>4</sup> LIONÇO Tatiana & DINIZ Débora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. *Psicologia Política*, 8(16), 307-324, 2008, Pp. 312



### III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I  
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

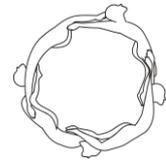
sentido a escola assume o rol de ferramenta fundamental nesse projeto de social de construção dos corpos legítimos, “*o poder define a forma como se processa a representação; a representação por sua vez tem efeitos específicos, ligados sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando assim, as relações de poder.*” (TADEU DA SILVA, 1998, cit. em LOURO 2010, p. 16). Desse jeito as instituições escolares, de lugar de transmissão de conhecimento viram, em relação á sexualidade, a lugar de silêncio e ignorância, ainda assim é importante lembrar como essa falta de representação, de espaço simbólico, é em se mesma uma representação, um silêncio que grita remetindo a uma pedagogia da sexualidade que como já temos afirmado, legitima determinadas identidades e práticas sexuais, marginalizando outras (FOUCAULT, 1988) .

Ao mesmo tempo temos que lembrar que a criação duma escola inclusiva é uma diretriz unanime no discurso pedagógico brasileiro atual, mais quando do nível teórico trata-se de passar a um nível pratico que especifique as formas de essa inclusão ou inclusões surgem divergências, não só relativas a como traduzir didaticamente essa inclusão, mais também sobre quem *merece* ser incluído. Certamente a inclusão de alunos gay, lesbicas, travestis ou transexuais é mais problemática e polemica que a inclusão, por exemplo, de alunos com algum grau de deficiência física, já que no primeiro caso a necessidade de inclusão é confrontada com os preconceitos dos próprios professores; Como afirma SEFFNER (2009) “*quando se trata de assegurar a inclusão de travestis, jovens gays e jovens lésbicas, a discussão muda de figura, e aparecem outras questões, habitualmente ligadas às concepções que os professores e as professoras têm acerca dessas orientações sexuais*” (p. 127). Sem duvida a inclusão das diferenças apresenta uma problematicidade para o professorado, mais ainda assim a escola pública é um espaço *público* e *laico* onde a aprendizagem não deveria se reduzir aos conteúdos curriculares, mais teria que abranger também as competências de negociação das diferenças, sobretudo em uma realidade como a brasileira onde multiplicidade de diversidades (de raça, religião, classe social, geração, etnicidade...) se entrecruzam. Além disso, como afirma SEFFNER (2009) é preciso não confundir acesso com inclusão, já que um real processo de inclusão não termina com o simples aceso á educação da pessoa anteriormente excluída sem que esse acesso modifique sequer minimamente a estrutura que acolhe. O risco de permitir simplesmente o acesso é que as pessoas tradicionalmente excluídas não encontrem um sentido no seu permanecer na instituição e abandonem. Para que haja inclusão é preciso pôr em marcha estratégias que permitam que essas pessoas realmente sintam de ter um espaço na escola, que suas especificidade são contempladas e não ignoradas pela instituição.



### III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013  
Universidade do Estado da Bahia – Campus I  
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

De outro jeito o risco de abandono é altíssimo. Nesse sentido a alta taxa de evasão escolar entre os e as estudantes LGBTTTI, atribuível às experiências de bullying homofóbico subidas nas escolas assim como a desconfiança, baixa autoestima, temor, tensão psicológica e isolamento social relacionados com esse tipo de bullying afetam negativamente o rendimento escolar e configuram-se como violação do direito à educação de qualidade (UNESCO, 2012). A experiência subjetiva da escola como espaço de terror para as pessoas não heterossexuais nos faz pensar que mais que de “evasão escolar” nesses casos é mais adequado falar de “expulsão” escolar (BENTO, 2011).

Infelizmente como já temos afirmado, a homofobia e o heterossexismo são não apenas consentidos, se não ensinados nas escolas na medida em que a pedagogia do insulto, e os mecanismos de silenciamento e dominação simbólicas, não sempre são detectados e sancionados dentro das instituições escolares, se não que as vezes é o mesmo professorado quem veicula esse tipo de condutas e juízos preconceituosos, na relação com o alunado não heterossexual. A falta de solidariedade por parte de profissionais da educação, da instituição e da comunidade escolar diante das cenas de assédio moral contra estudantes LGBTTTI pode produzir ulteriores efeitos nos agressores e nas vítimas, reforçando a ideia da legitimidade do insulto e do assédio. Como afirma LOURO (2010, p.29) *“Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa” cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com os sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade”*. Os discursos que promovem a humilhação e a violência contra a população LGBTTTI negam os direitos de cidadania porque visam privar essa população do acesso a eles. Ademais o preconceito articula-se ao redor de outras categorias sociais (raça, classe social, gênero) dando lugar a experiências de múltiplas opressões.

#### *O “Projeto Papo Sério”*

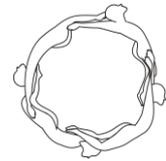
Chegado à quinta edição em 2012, o “Projeto Papo Sério” tem como objetivo o de estimular um processo de desconstrução das representações sobre gênero, sexualidades, e diferentes tipos de violências, nos e nas estudantes de ensino fundamental e médio das escolas públicas da Grande Florianópolis. O projeto “Papo Sério” articula dois tipos de ações diretamente dirigidas aos e às



### III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I  
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

estudantes: as oficinas “Papo Sério” e o “Concurso de cartazes sobre lesbo-homo-transfobia e heterossexismo nas escolas”.

#### *O Concurso NIGS sobre homo-lesbo-transfobia e heterossexismo nas escolas*

O “Concurso de cartazes sobre lesbo-homo-transfobia e heterossexismo nas escolas” (chegado à quinta edição em 2013) visa promover a reflexão sobre sexualidades não normativas nas escolas e, conseqüentemente, auxiliar na prevenção de condutas física ou simbolicamente violentas contra pessoas não heterossexuais. O concurso contribui a visibilizar a existência de sexualidades não heterossexuais, contribuindo á desestabilização do regime do silêncio vigente nas escolas sobre esses temas. Uma novidade da edição 2013 do concurso é a inclusão do termo heterossexismo que se usa de um jeito similar as expressões racismo, antissemitismo ou machismo, para descrever um *sistema ideológico* que nega, rechaça ou denigra qualquer forma de comportamento, identidade, comunidade ou estilo de vida que não seja heterossexual, ao tempo que exalta a heterossexualidade (HEREK, 1991). Para falar com as palavras de Borillo

“a ordem sexual que é o sexismo não solo implica a subordinação do feminino ao masculino, mais também a hierarquização das sexualidades, fundamento da homofobia. Por isso a alusão constante á superioridade biológica e moral dos comportamentos heterossexuais forma parte duma estratégia política de construção da normalidade sexual. (...) O heterossexismo se define como a crença na jerarquia das sexualidades, que coloca a heterossexualidade no nível superior. As demais formas de sexualidades aparecem no melhor dos casos como incompletas, acidentais, e perversas, e no pior dos casos como patológicas, criminais, imorais e destruidoras da civilização”.<sup>5</sup>

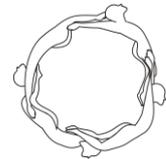
Desse jeito pretendemos promover uma reflexão sobre o feito que as violências simbólicas ou física às que são sujeitas as pessoas não heterossexuais, não dependem das dificuldades experimentadas individualmente para aceitar os arranjos sexuais e sentimentais diferentes dos heterossexuais, se não que essas violências são fruto de um sistema ideológico preciso.

<sup>5</sup> BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001. Pp. 32.



### III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013  
Universidade do Estado da Bahia – Campus I  
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Para participar no “Concurso de cartazes sobre lesbo-homo-transfobia e heterossexismo nas escolas” os cartazes são elaborados por pequenos grupos de alunos e alunas das escolas publicas coordenados por um professor ou professora que voluntariamente escolhem participar. Os cartazes realizados são enviados ao NIGS e, nas duas semanas anteriores á celebração da premiação, são expostos publicamente. Nesse tempo fica aberta a votação dos júris popular, NIGS e acadêmico, para escolher os cartazes ganhadores das diferentes votações. O dia da premiação as turmas são convidadas na Universidade para assistir á cerimônia de premiação. Há que considerar que para a maioria deles é a primeira vez que têm a possibilidade de conhecer a Universidade, e o concurso lhes permite participar como protagonistas, sendo que a sua participação é valorizada e prestigiada pela presença de varias figuras institucionais como a Pró-reitora de pesquisa da UFSC, ou a Coordenadora da Área da Mulher do município de Florianópolis, além de vários docentes universitários e representantes do tecido associativo da cidade. Nas primeiras quatro edições do Concurso, o numero de cartazes recebidos foi crescendo ( 17 em 2009, 45 em 2010, 112 em 2011, 88 em 2012<sup>6</sup>). Esse dado nos fala da progressiva aceitação da iniciativa por parte das escolas e de como vai se consolidando essa intervenção, no sentido que as escolas que já participaram em uma edição voltam a participar nas edições sucessivas.

#### *As oficinas “Papo Sério”*

As oficinas “Papo Sério” (chegadas à quinta edição em 2012) são criadas a partir das necessidades manifestadas pelas escolas e dinamizada pela equipe do NIGS, e visam criar um espaço de desconstrução e de reflexão participativa sobre temas como violência de gênero, bullying, violência homofóbica, heterossexismo sexo, direitos reprodutivos, amor e namoro, direitos sexuais, gênero e identidades de gênero nas escolas públicas de ensino fundamental e médio da Grande Florianópolis. Desde 2007 realizaram-se oficinas em mais de 25 escolas envolvendo mais de 1500 estudantes. As oficinas são construídas visando visibilizar as múltiplas fontes que impõem a reiteração das normas sociais de gênero, denunciando assim o caráter construído das mesmas, que longe de ser naturais precisam de um aparato reiterativamente normalizador (Bento 2011). Esta

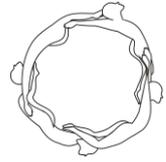
<sup>6</sup> Na edição de 2012, a greve dos e das profissionais do ensino fundamental e médio estadual, cuja finalização coincidiu com a data tope para enviar o cartaz, dificultou a participação de professores e professoras que já tinham participado em edições anteriores do Concurso NIGS.



### III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I  
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

tecnologia social, as oficinas nos permitiram estimular um processo de desconstrução, nos e nas estudantes com quem entramos em contato, das ideias que tinham sobre gênero, sexualidades, e diferentes tipos de violências. Para a equipe de bolsistas NIGS que participaram, foi entusiasmante poder assistir a momentos de insight, de um novo entendimento de realidade já conhecidas, a partir das provocações, perguntas, reflexões propiciadas pela participação nas oficinas.

Consideramos que ambas as intervenções podem contribuir à criação de um ambiente escolar mais inclusivo, na medida em que tratam de visibilizar para posteriormente desconstruir os discursos que produzem hierarquizações entre pessoas e grupos sociais, as oposições binárias (homem-mulher; hetero-homossexual...) que são o substrato ideológico da violência heterossexista, assim como da violência contra as mulheres. Nesse sentido tratamos de nos inserir dentro de uma “pedagogia queer” (Miskolci 2012, Lopes Louro 2001) ao tratar desconstruir o processo pelo que alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados. Consideramos que más que acrescentar categorias na conceituação dos e das estudantes é preciso desconstruir o binarismo hetero-homossexual superando a visão da sexualidade como algo biológico para situá-la no campo do socio-histórico e cultural.

#### *Referências*

BENTO, Berenice. *Na escola se aprende que a diferença faz a diferença*. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2) maio-agosto/2011. Pp. 548-559.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis RJ: Vozes, 2007.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001.

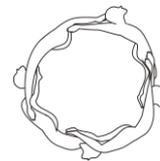
FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade v1: A vontade de saber*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46. p. 269-285. dez. 2007



### III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013  
Universidade do Estado da Bahia – Campus I  
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

GROSSI, Miriam, FRÓES, Anelise, MARIANO, Rayani, WEISS, Fatima. *Cadernos NIGS - Extensão*. Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividade, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. *v.1, n.1*, 2010.

HEREK, George. Stigma, prejudice, and violence against lesbians and gay men. En Gonsiorek J.C., Weimerich J.D. (Eds.) *Homosexuality: Research implications for public policy*. (pp. 60-80). Newbury Park, CA: Sage, 1991.

LIONÇO Tatiana & DINIZ Debora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. *Psicologia Política*, 8(16), 307-324, 2008

LOURO Guacira. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, 9, 541-553, 2001.

LOURO Guacira. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56), 17-23, 2008.

LOURO Guacira. "Pedagogia da sexualidade" In Louro Guacira (org.), *O corpo educado. Pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora LTDA, 2010.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.

SEFFNER, Fernando. "Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar". In Junqueira Rogério (org.), *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Edições MEC UNESCO, 2009.

UNESCO. *Respuestas del sector de educación frente al bullying homofóbico*. Paris: Unesco, 2012.